



Vitruvian Cogitationes - RVC

LITERATURA PRODUZIDA NO AMAZONAS E ENSINO DAS CIÊNCIAS AMBIENTAIS

LITERATURA PRODUCIDA EN LO AMAZONAS Y ENSEÑANZA DE LAS CIENCIAS AMBIENTALES

LITERATURE PRODUCED IN THE STATE OF AMAZONAS AND ENVIRONMENTAL SCIENCE TEACHING

Prof. Me. Mateus Epifânio Marques

Secretaria de Estado de Educação e Desporto do Amazonas – SEDUC; matheepifanio@gmail.com

Profa. Dra. Kátia Viana Cavalcante

Universidade Federal do Amazonas – UFAM; katiavc29@gmail.com

Resumo: O propósito do presente artigo é contribuir para os estudos da interface entre literatura e cartografia no ensino das ciências ambientais. Utilizando resultados de uma pesquisa realizada no limiar entre a literatura produzida no estado do Amazonas, e as ciências ambientais. Desta forma, a revisão bibliográfica e análise literária foram as principais metodologias utilizadas no presente estudo. A partir de critérios delimitadores, foi possível realizar a seleção de obras, com o intuito de serem analisadas, dentro da vasta literatura amazonense. Durante os resultados e discussões buscou-se evidenciar uma literatura cabocla, nortista e ao mesmo tempo atrelada às questões ambientais. Em suma, este trabalho procurou demonstrar que a leitura de uma obra literária pelo viés da cartografia, torna visível as articulações descritas na narrativa e funciona como dispositivo de suporte do raciocínio no acompanhar dos textos. E, através, do olhar das ciências ambientais leva o leitor a decifrar os vários pontos de vista que o autor apresenta em sua obra.

Palavras-chave: Literatura no Amazonas. Mapas mentais literários. Ensino das Ciências Ambientais.

Resumen: El propósito de este artículo es contribuir a los estudios de la interfaz entre literatura y cartografía en la enseñanza de las ciencias ambientales. Utilizando los resultados de una encuesta realizada en el umbral entre la literatura producida en el estado de Amazonas y las ciencias ambientales. Así, la revisión bibliográfica y el análisis literario fueron las principales metodologías utilizadas en el presente estudio. A partir de criterios delimitadores, fue posible realizar la selección de obras, para ser analizadas, dentro de la vasta literatura amazónica. Durante los resultados y discusiones, buscamos resaltar una literatura caboclo, nortista y al mismo tiempo vinculada a las cuestiones ambientales. En

suma, este trabajo buscó demostrar que la lectura de una obra literaria a través del sesgo de la cartografía, hace visibles las articulaciones descritas en la narración y funciona como dispositivo de apoyo al razonamiento en el acompañamiento de los textos. Y, a través de la mirada de las ciencias ambientales, lleva al lector a descifrar los diversos puntos de vista que presenta el autor en su obra.

Palabras-clave: Literatura en la Amazonía. Mapas mentales literarios. Enseñanza de las Ciencias Ambientales.

Abstract: This article brings some results of the master's research carried out on the threshold between the literature produced in the state of Amazonas and the environmental sciences. In this way, the objective of this work was to make a study of the literature produced in the state of Amazonas in order to contribute to the studies of the interface between literature and cartography in the teaching of environmental sciences. The methodology used was a literature review and environmental literary analysis following criteria to select and analyze literary works; and the results and discussions sought to verify the emergence of a caboclo literature, northern and at the same time linked to environmental issues. This work sought to demonstrate that the reading of a literary work through cartography makes visible the articulations described in the narrative and works as reasoning devices that accompany the texts. And from the perspective of the teaching of environmental sciences, it leads the reader to decipher the various perspectives that the author left in his work.

Keywords: Literature in the Amazon. Literary mind maps. Teaching Environmental Sciences.

1 INTRODUÇÃO

A literatura tem um grande poder simbólico, que desvela a visão de mundo do homem no decorrer de cada período e gera a possibilidade de renovação do real numa perspectiva universal que faz essa arte transcender no tempo e no espaço. Dessa forma, o autor literário traz à luz – em forma de palavra – todas as situações vividas em determinadas épocas em vários sentidos: ético, político, social, ambiental, sentimental, religioso, psicológico, filosófico, mitológico, geográfico e histórico. A criação literária, portanto, transcende a realidade haja vista que nela veem-se refletidos todos os mistérios, bem como todos os fenômenos que cercam a vida humana, sendo assim, a mimese através da palavra.

Literatura e natureza andam juntas desde que o homem buscou traduzir o mundo, como se pode ver na arte e na escrita rupestre. Estudando a mitologia, se vê que sempre houve uma tentativa de explicar o universo e todos os seus fenômenos. Assim, o meio ambiente, que ora parece tão distante da arte literária, na verdade, sempre a acompanhou e muitas vezes foi o objeto principal de inspiração.

Mesmo perante tais evidências, a crítica literária sempre ficou distante do meio ambiente, talvez porque não existia a necessidade que hoje existe, de ver o mundo no sentido de torná-lo melhor e preservá-lo como lugar onde se possa viver e sobreviver.

A natureza sempre fez parte do mundo literário, entretanto, nem sempre foi indagada sob um mesmo olhar, ou seja, a forma de concebê-la no período medieval não tem a mesma valia da clássico-renascentista, assim como a perspectiva romântica sobre a natureza não é a mesma que hoje se tem sobre o ambiente.

Os estudos literários que se inserem na perspectiva ambiental e, claro, no ensino das Ciências Ambientais, podem se constituir em uma interessante forma de compreensão da organização de espaços sociais determinados. Lugares onde a natureza, considerada como processo em que as transformações conduzidas pela ação humana tiveram em princípio, pouca

importância, sendo transformada pelo trabalho humano, deixando marcas sociais cujas consequências dependem da profundidade e da intensidade dos processos desencadeados.

Neste sentido, a narração tem um poder grandioso que mexe na imaginação de todos que leem, e esse poder é explorado pela ficção, não somente como instrumento de geolocalização dos acontecimentos narrados dentro da obra literária, mas também como elemento principal da própria trama narrativa. Caquard e Cartwright publicaram em maio de 2014 no periódico *The Cartographic Journal*, um volume com o título “**Cartografia narrativa: um mapeamento de histórias à narrativa de mapas e mapeamento**”, nele aborda as manifestações dos mapas na narrativa, é um estudo sobre cartografia e narrativas.

A Cartografia, que mesmo fazendo parte e auxiliando mais propriamente o ensino da geografia inserida em abordagens mais clássicas como no livro didático ou em mapas impressos, tem se expandido ainda mais como uma ferramenta de forte caráter interdisciplinar, podendo ser desta forma, utilizada como suporte ao ensino de outras disciplinas escolares tornando-se assim indispensável para o desenvolvimento da educação. Neste sentido, a importância pedagógica da cartografia no ensino, à medida que o computador tem se tornado cada vez mais acessível no contexto escolar, sobretudo, no cotidiano, o livro vem lhe cedendo espaço frente ao desafio de se trabalhar com o mapa no ambiente educacional.

Este trabalho tem por objetivo trazer uma parte dos resultados da literatura produzida no estado Amazonas em consonância com a cartografia literária, que fora parte da pesquisa de mestrado profissional em rede para o Ensino das Ciências Ambientais, e assim contribuir para os estudos da interface entre literatura e ensino das ciências ambientais.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

Na busca de obtermos êxito na pesquisa, utilizamos de critérios para a escolha de obras literárias do universo do Amazonas e sua relação com as questões ambientais.

Para a seleção de obras literárias de autores da literatura produzida no Amazonas utilizou-se os seguintes critérios:

- a) Lista de obras do catálogo da Editora Valer;
- b) Disponibilidade em acervo para doação;
- c) Lista das obras literárias de cunho amazonense a serem estudadas para os vestibulares das Universidades públicas do Amazonas.

Para chegarmos ao quantitativo de obras literárias que fossem possíveis trabalhar, além dos critérios listados acima, fizemos o seguinte procedimento:

1. Listamos todas as indicações que se repetiam nos editais, e excluimos as repetições;
2. Realizamos a leitura das duzentas e cinquenta sinopses das obras literárias amazonenses, disponíveis no *site* da Editora Valer;
3. Dentre as 250 obras, selecionamos 18 (dezoito) que se aproximavam dos objetivos propostos pelo estudo que gerou parte dos dados aqui expostos.

O percurso metodológico seguiu os procedimentos abaixo:

- a) Revisão bibliográfica que foi realizada com o objetivo de identificar e caracterizar os aspectos ambientais recorrentes nas obras literárias amazonenses que forneceram subsídios à pesquisa e preparou a ficha de análise literária ambiental com esses aspectos. Neste sentido, Gil (2007, p. 44), nos afirma que uma das características desse tipo de pesquisa são as investigações sobre ideologias ou aquelas que se propõem à análise das diversas posições acerca de um problema.

b) Abordagem qualitativa foi norteadada por Bardin que nos diz, que a pesquisa qualitativa “é a presença ou a ausência de uma dada característica de conteúdo ou de um conjunto de características num determinado fragmento de mensagem que é tomado em consideração” (BARDIN, 1977, p.21). Após o levantamento bibliográfico, foi realizada a análise dos aspectos socioambientais das obras já identificadas e caracterizadas na etapa anterior, para tanto, utilizou-se uma ficha de leitura com os indicativos dos aspectos ambientais que foram analisados.

c) Oficina literária ambiental cujo objetivo foi socializar as análises dos aspectos socioambientais encontrados nas obras literárias estudadas e fazer o cruzamento entre os estudos literários e o ensino das ciências ambientais. E usamos mapas mentais durante a oficina para sintetizar os aspectos ambientais analisados nas obras estudadas.

Neste artigo, trazemos à luz revisão bibliográfica acerca da literatura realizada no Amazonas e o entrelace desta com a cartografia literária e as questões ambientais. Neste trabalho destacaremos somente duas obras das estudadas.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 A literatura amazonense: o surgimento de uma literatura cabocla

Romances como **Os Sertões**, de Euclides da Cunha, **Grande Sertão Veredas**, de Guimarães Rosa, e **Inferno Verde**, de Alberto Rangel, em seus contextos de época, são bons exemplares da realidade de seu tempo. A história de uma sociedade em um determinado local vai sendo contada pela arte literária. Ela traz os avanços e retrocessos nos quais as transformações ambientais vão sendo reveladas e de certa forma reconstituídas no ambiente, *lócus*, dessas transformações.

Os estudos sobre a literatura amazonense são muito recentes, e uma das questões capitais para a compreensão da Amazônia é considerar se existe uma cultura e uma literatura própria da região, e se existindo, que contribuições elas podem proporcionar ao ensino das Ciências Ambientais? É claro, que morando na maior floresta tropical do mundo, a questão ambiental sempre será um gancho para os escritores conceber a arte da escrita.

Assim sendo, não se pode afirmar que houve uma literatura amazonense, e sim uma literatura na região amazônica. Souza (1995) em **Síntese de uma Literatura Cabocla Amazonense**, fala: “uma literatura unicamente amazonense, e sim uma literatura no Amazonas”.

Sabe-se que a História da Literatura Amazonense foi, pouco a pouco, sendo escrita e inserida em um contexto socioeconômico e cultural. Tufic (1982) expõe em **Existe Uma Literatura Amazonense**, a própria História do Amazonas tem sido apenas,

[...] uma transcrição de fatos políticos, administrativos e econômicos carente, portanto, de uma análise fundamentada capaz de possibilitar uma visão que substitua a cronologia pura e simples pelo estudo das causas e dos efeitos que determinam os ciclos produtivos da região, e de como estes influíram no desenvolvimento das letras e das artes (TUFIC, 1982).

Assim, os primeiros passos da Literatura Amazonense surgem vinculados à temática regional dos ciclos econômicos, entre eles, a extração dos produtos naturais (drogas do sertão), escravidão: tropas de resgate e descimento de índios (nativos), a pesca e a

agricultura. Convém enfatizar que os primeiros viajantes, em missões de cunho científico, abordaram a literatura pelo lado que mais lhes interessava, ou seja, por meio do levantamento da hidrografia amazônica, da formação geográfica, da exuberante flora, do reconhecimento de rios e igarapés, das suntuosas riquezas, além do reconhecimento de tribos selvagens, suas línguas e seus linguajares. No contexto específico de “**literatura amazonense**”, a preferência aos temas naturais da região se intensifica, sobretudo, a partir dos ciclos econômicos do cacau e do período da borracha.

O início da atividade literária no Estado do Amazonas começa com os relatos de Frei Gaspar de Carvajal, escrivão da expedição do capitão Francisco Orellana; sua principal intenção era descobrir um novo mercado de especiarias e expandi-lo para as missões religiosas, o Cristianismo. O certo é que com a chegada do colonizador os nativos sofreram muitos danos e as línguas indígenas foram proibidas para qualquer tipo de comunicação. Desta maneira, como a carta de Caminha, o relato de Carvajal é de caráter informativo, isto é, uma literatura voltada para documentar e registrar os fatos acontecidos em tais viagens.

Ainda na literatura de informação, entre 1799 e 1804 o explorador e cientista alemão Alexander von Humboldt e seu companheiro, Aimé Bonpland, conduziram as primeiras grandes explorações científicas dos Andes e do Amazonas. Eles atravessaram o rio Amazonas e colheram informações que depois serviram de base para estudos científicos sobre a região.

Humboldt levou para a Europa mais de 60.000 espécies de plantas e inúmeros animais da Amazônia. Tornou-se um dos homens mais célebres do mundo. As suas ideias revolucionaram a pesquisa científica, lançando os fundamentos para campos inteiros de estudo – como a climatologia, a oceanografia e vários ramos da geografia –, e influenciaram profundamente seguidores como Darwin e Louis Agassiz. Essa expedição está relatada no livro **O Cosmos de Humboldt** (2005) do escritor alemão Gerard Helferich. O livro tem um caráter informativo sobre a região amazônica e lança as bases para conhecermos mais sobre ela pelo olhar de Humboldt.

Os sonetos de Francisco Vitro José da Silveira que prestou grande homenagem a Requeña e esposa (1783) e da Muhuraida de Henrique João Wilkens (1785) que parecia falar dos índios, mas na verdade enaltece o conquistador pelo instrumento eficaz da fé e da própria religião, visto que o índio, na visão do colonizador, era um ser sem alma, vazio e oco, não era gente. É por meio dessas duas obras que a literatura no Amazonas passa a se consolidar como produção verdadeiramente literária, e ficou como marco na história da produção artístico-literária no estado.

O primeiro poeta amazonense, Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha (1769), foi um escritor marcado pelas agruras da vida, mas que conseguiu romper as barreiras adversas impostas pelo destino e produziu sua obra debruçando-se nos clássicos e fazendo alusão aos festejos, muito embora não fugisse do aulicismo. Seu filho, João Batista Tenreiro Aranha, em 1850, foi nomeado Presidente da Província do Amazonas e nesse mesmo ano publicou os restos ainda existentes da obra de seu pai, muito de sua produção foi perdida na época da Cabanagem.

No período áureo da borracha, merece destaque a figura de Tenreiro Aranha, apesar do vazio cultural que existia na época, devido à estagnação econômica e pelo fato de não haver jornal impresso, sua obra póstuma é de grande relevância por tratar do marco inicial desse período. Após a obra de Tenreiro Aranha surgiram poetas como Torquato Tapajós, Paulino de Brito, Maranhão Sobrinho entre outros.

No final do século XIX o Amazonas termina, o ciclo de grandes negócios, e por conta disso o estado entra num período de depressão econômica que serviu de inspiração para os escritores de tendências parnasos-simbolistas, modernistas, naturalistas. Esses escritores passaram a produzir uma série de contos, romances, ensaios, crônicas a respeito do Amazonas

do início do século XX, ainda embasados na atmosfera do primeiro ciclo da borracha que tivera seu declínio no final do século anterior.

Em meados do século XX, surge em Manaus, O Clube da Madrugada inspirado na geração de escritores brasileiros modernistas de 1945, muito ligado à maneira de pensar regionalista, esse clube com sua sede debaixo de uma árvore na Praça da Polícia e decidiu não mais fazer o êxodo, ou seja, ninguém mais abandonaria o clube para viver no sul do país, várias produções foram feitas a partir dessa formação clubista. Ele chegou a ter duas gerações e atualmente busca resgatar a maioria das obras produzidas no passado.

A Literatura no Amazonas, assim como a brasileira, apresenta fases, as quais sempre estão décadas atrasadas aos movimentos e estilos em voga de cada época literária. Podemos dizer que a literatura local esteve sempre alguns passos atrás do que se produzia nos grandes centros culturais do país, São Paulo e Rio de Janeiro. Porém hoje, temos escritores com destaque nacional e internacionalmente reconhecidos, tais como: Márcio Souza, Milton Hatoum, Tiago de Melo, Sylvia Aranha, entre outros.

Em relação à Amazônia, temos muitos fatores: históricos, sociais e territoriais que nos forçam a vê-la como um lugar distante de outros, com riquezas exploradas por poucos e esquecidas pelos poderes públicos, concepção que aumentou mais a má impressão que os forasteiros tiveram desse lugar e consequentemente de sua gente.

Um problema crucial na escrita amazonense é a falta de prestígio que essa literatura de expressão amazônica, isso ocorre tanto em nível regional quanto nacional, e a certeza da qualidade estética dessa produção feita de grandes autores e grandes obras e da necessidade de valorização (FARES, 1992, p. 15), visto que os próprios amazonenses não a valorizam.

Quando se fala de literatura amazonense, podemos fazer vários questionamentos, mas um nos sobressai: O que se pensa dessa Literatura? A resposta certamente, de uma maneira geral, seria, remonta-se a um recontar de mitos que permeiam o cotidiano das populações ribeirinhas com o maravilhoso nativo, com o Boto ou o Curupira. Outros citariam os diários dos naturalistas Martius e Spix, Bates e Wallace. Alguns nomeariam a prosa do “ciclo da borracha”: **A Selva**, de Ferreira de Castro ou os romances de Álvaro Maia. Bogéa (2011, p.136) diz que “alguns, talvez, nomeasse Milton Hatoum ou Márcio Sousa, entre os novos escritores que se revelam além das fronteiras da região”. Mas há, porém uma tradição literária que remonta ao século XVIII, desconhecida inclusive pela maioria dos habitantes da região.

A literatura produzida no Amazonas, durante muito tempo, sofreu preconceitos temáticos. Muitos afirmavam que havia uma mera preocupação de apenas retratar o universo do homem ribeirinho, sobretudo, a luta pela sobrevivência do caboclo e do indígena, frente às adversidades da floresta amazônica. Afirmavam que a literatura desse estado somente tematizava a vida dos migrantes de toda a parte do país, sobretudo, os oriundos do Nordeste, que iludidos, chegaram aqui, em busca de uma vida melhor no período do ciclo da borracha, além dos aspectos culturais dos indígenas e a vida dos ribeirinhos.

É necessário enfatizar em conformidade com Campos (2007, p.102) que o termo “ribeirinho” designa a população extremamente importante para a Amazônia, que vive às margens dos rios, igarapés, lagos e nas terras de várzeas e quanto aos indígenas, eles constituem povo de cultura milenar. Assim, com referência a História que envolve os nativos amazônicos, as inúmeras lutas travadas em decorrência da invasão portuguesa no Brasil até os dias atuais “são por conta do direito legítimo à posse da terra, o seu direito de retornar aquilo que lhes pertence originariamente” (CAMPOS, 2007, p. 102).

Na década de 1930, o regionalismo não enfatizava apenas o pitoresco regional, mas apresentava uma visão crítica dos problemas sociais. Assim se expressa Benjamin Abdala Júnior (1993, p.11) onde a visão crítica predominante nessas produções aponta para o caráter

social, dessa forma, não havia a intenção na obra “regional” de apenas retratar o pitoresco, as paisagens ou personagens típicos.

Trata-se, portanto, de uma literatura que procura representar a realidade de forma realista, “mas com um sentido crítico muito aguçado, visando a transformá-la em suas estruturas sociais” (ABDALA JÚNIOR, 1993, p. 11), assim, não cabe aqui ressaltar que alguns veem a literatura regional como algo sem sentido ou sem valor, afinal é inquestionável a importância de Visconde de Taunay com sua obra **Inocência**, Graciliano Ramos com **Vidas Secas**, Guimarães Rosa com o emblemático **Grande Sertão: Veredas**, Mário de Andrade com a rapsódia amazônica **Macunaíma**, entre tantos outros inseridos cânone regionalista.

Dessa forma, o texto literário, por sua complexidade e natureza conotativa, exige e desenvolve no leitor, a capacidade de “analisar as entrelinhas das mensagens, o intertexto, afixando o olhar para o que é dito no que não está escrito, provocando a imaginação a pensar soluções de interpretação dos significados” (MENEGETTI, 2010, p. 25).

Sobre a relevância da literatura o pesquisador Mário Ypiranga Monteiro nos afirma que “nada do que se criou no passado foi menos interessante em termos de estética e de forma do que aquilo que se realiza no presente” (MONTEIRO, 1977, p. 17), sendo assim, estudar Álvaro Maia com a riqueza dos relatos, historietas e contos regionais presentes em suas obras e Milton Hatoum com seu universo amazônico ou outros autores como Carlos Gomes, Erasmo Linhares e Arthur Engrácio em seus contos fascinantes nos possibilitam não apenas adentrar no universo amazônico, mas também aprender pela ótica das ciências ambientais.

A produção literária do Amazonas é marcada por uma tradição de escritores surgidos no Clube da Madrugada, movimento que teve grande efervescência nas décadas de 1950 e 1960 e revelou vários autores de talento, muitos dos quais continuam produzindo ainda hoje. Destacam-se ainda autores surgidos nos anos 1970 e 1980, com grande papel expressivo para as letras regionais, como Márcio Souza, Aldísio Filgueiras, Zemaria Pinto e, em especial, Milton Hatoum, que conquistou reconhecimento nacional pela força expressiva do seu trabalho romanesco.

O poeta e consultor editorial da Editora Valer, Telles (2019, p. 25) afirma “A literatura que se produz no Amazonas reflete os impasses e dilemas vividos por uma cultura periférica, limitada pela mentalidade provinciana dominante, pelo descompasso em relação às transformações sociais e artísticas que ocorrem nos grandes centros culturais”. Ele reforça ainda:

O Modernismo repercutiu no Amazonas, despertando nos escritores o desejo de buscar novos caminhos, de realizar uma literatura que expressasse a realidade. De romper com o academismo que predominava a produção literária amazonense. A fundação do Clube da Madrugada, em 1954, foi um sintoma desse anseio de renovação e atualização de nossa literatura. (TELLES, 2019, p. 26)

Assim sendo, percebeu-se, mais recentemente, a emergência de uma nova geração de escritores, oriundos das universidades, Leão em entrevista a Lucy Rodrigues da Biblioteca Pública do Paraná em outubro de 2020, expõe que nos últimos anos, tem se intensificado essa persistência crítico-literária de professores e autores, principalmente por meio dos programas de pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e da UEA “Acredito que sentiremos esse impacto daqui a cinco ou dez anos, quando essas dissertações se transformarem em livros” analisa.

Entre os novos e talentosos escritores surgidos na última década, Leão inclui o contista piauiense, radicado em Manaus desde 1979, João Pinto, autor de **O ditador da terra**

do Sol (2002), e a poeta paranaense, também radicada na capital do Amazonas, Pollyanna Furtado, que escreveu, junto com o poeta Thiago de Mello, o **ABC da floresta amazônica** (2008).

“Há uma geração ainda mais jovem, que vem usando a internet como veículo de divulgação, a exemplo de Priscila Lira, de apenas 22 anos, que fez sucesso com o e-book *Manual de feitiçaria*”, afirma Alisson Leão na entrevista concedida em 2020.

E continuando, a literatura amazonense vive um período promissor. “Mas ainda não estamos satisfeitos. Apesar dos avanços, há o problema da outra ponta, ou seja, do leitor. Sem formar bons leitores, não há como formar escritores. Isso tudo é reflexo da educação do nosso país.”

3.2 Os aspectos ambientais analisados

Tornar explícita a ligação entre Ensino das Ciências Ambientais e Literatura foi uma complexa tarefa, sendo necessário recorrer a mapas, visto que eles tornam visíveis algumas relações significativas que até agora podem ter escapado ao nosso olhar. Além dos mapas, utilizamos as análises ambientais das obras, visto que elas proporcionariam uma visão ampla e diferenciada das análises literárias que já são usuais no contexto da literatura.

Neste sentido, estabelecemos sete (07) aspectos e recursos ambientais a serem analisados nas obras selecionadas, eles foram escolhidos para subsidiar os vários espaços que uma obra literária nos permite vislumbrar. Assim, tanto as análises quanto os mapas não são meras metáforas, ou menos ainda ornamentos do discurso, mas ferramentas analíticas que dissecam o texto de maneira incomum, trazendo à luz relações que de outro modo ficariam ocultas; no caso das Ciências Ambientais, essas relações do texto com o ambiente.

O quadro 1 a seguir traz os pontos que foram analisados nas obras e em quais delas cada um foi encontrado.

Quadro 1 - Aspectos e recursos ambientais contido nas obras literárias analisadas.
Tefé/Amazonas, 2021.

Aspecto/recurso	Obra
Recursos hídricos	<i>Dois irmãos; Comandante Lourenço; Filhos da Várzea; Amazonas, pátria da água; O encontro das águas; Coronel de Barranco.</i>
Recursos florestais	<i>Dois irmãos; Comandante Lourenço; Filhos da Várzea; Amazonas, pátria da água; O encontro das águas; Coronel de Barranco.</i>
Recursos minerais	<i>Filhos da Várzea; Amazonas, pátria da água.</i>
Recursos de fauna	<i>Dois irmãos; Comandante Lourenço; Filhos da Várzea; Amazonas, pátria da água; O encontro das águas; Coronel de Barranco.</i>
Aspectos climatológicos	<i>Dois irmãos; Comandante Lourenço; Amazonas, pátria da água; O encontro das águas; Coronel de Barranco.</i>
Aspectos territoriais	<i>Dois irmãos; Comandante Lourenço; Filhos da Várzea; Amazonas, pátria da água; O encontro das águas; Coronel de Barranco.</i>
Aspectos de produção	<i>Dois irmãos; Comandante Lourenço; Filhos da Várzea; Amazonas, pátria da água; O encontro das águas; Coronel de</i>

	<i>Barranco.</i>
--	------------------

Fonte: Arquivos da pesquisa, 2021.

Os livros nos levaram a uma viagem pelas belezas naturais do estado, também nos mostrou o grande potencial que ele tem em vários recursos da natureza; trouxe-nos os problemas ambientais que o estado enfrenta; e a difícil tarefa de manter a floresta em pé, especialmente pelas políticas governamentais adotadas desde os anos 1970 para “colonizar” a Amazônia. Esse discurso está presente no livro *Amazonas, pátria da água* e *Dois irmãos*, os quais reúnem os grandes desafios que esse território tem tanto nos aspectos sociais, quanto nos ambientais.

Além desses aspectos, também analisamos os aspectos geográficos que foram inseridos para compreender os espaços por onde transitam as obras literárias. Os espaços nas obras analisadas nos levaram a conhecer melhor o Amazonas pela ótica de seus autores e nos trouxeram a transformação de Manaus e do estado nos últimos 150 anos. O quadro 03 abaixo traz a obra literária amazonense e o espaço geográfico em que ela se desenvolve.

Quadro 2 - Aspectos geográficos contidos nas obras literárias analisadas. Tefé/Amazonas, 2021.

Aspecto geográficos	Obra
Dois irmãos	A história dos gêmeos tem Manaus como centro do desenvolvimento da trama, porém ela circula por inúmeros espaços geográficos: há cenas no Líbano quando Halim lembra da vida que levava lá e depois sua vinda ao Brasil; Rio de Janeiro é mencionada no início da trama para indicar o retorno do filho mais novo (Caçula) ao Brasil, após um longo período no Líbano; São Paulo é citada várias vezes, por ser o local onde Yaqub irá morar após o retorno ao Brasil; e vários municípios amazonenses do entorno de Manaus são citados, tais como: Iranduba, Careiro, Parintins, Lábrea, Humaitá, Novo Airão e as ilhas de Anavilhanas. Em meio a esse caldeirão de cidades, Manaus é descrita; geograficamente, detalhando sobre os espaços urbanos que existiam e que estavam sendo criados. Como a região portuária da cidade - do bairro Educandos, da igreja dos Remédios, dos clubes, cabarés, entre outros espaços que o narrador passeia em sua narrativa. O centro de Manaus é amplamente explorado na narrativa; em razão das ações que ocorrem nas mediações do centro manauara.
Comandante Lourenço	Mais da metade da trama se passa no Rio de Janeiro imperial. E somente a partir do capítulo 23 se tem início a viagem para a Amazônia, onde o romance passa a falar de outros espaços geográficos do Brasil. A costa brasileira é citada a partir da viagem de navio que sai do porto do Rio de Janeiro até Belém. Desta forma ele se concentra geograficamente entre Belém, Manaus (Vila da Barra), Itacoatiara (Vila de Serpa) e Santarém; mas se pode dizer que o maior espaço que as ações ocorrem é no navio a vapor o qual Lourenço viaja ao Amazonas e depois vira seu comandante.

	Entre Manaus e Itacoatiara o navio passa por vários portos de lenha para abastecer e descarregar os mantimentos que traziam para os senhores dos barrancos. Esse navio é o espaço que o personagem passa mais tempo, também é o símbolo de sua jornada pelos rios e igarapés amazônicos.
Filhos da Várzea	Os poemas são ambientados na sua primeira parte nas várzeas; elas podem ser qualquer lugar da imensa malha fluvial da Amazônia. O rio é o espaço geográfico, a várzea é o local em que o poeta se inspira para compor seus sonetos, haicais, quadras e tantos outros versos que têm a versatilidade de representar o alto Juruá como o baixo Amazonas.
Amazonas, pátria da água	Os poemas são ambientados na grande Amazônia. Inicia com um relato de onde nasce o rio Amazonas, isto é, na Cordilheira dos Andes. Depois o texto se concentra entre vários pontos geográficos do Amazonas, especialmente, entre Barreirinha e Manaus, no entanto os poemas narrativos passam pelos vários rios que tecem a malha fluvial do Amazonas; Solimões, Madeira, Juruá, Purus que são de águas barrentas; Tocantins, águas azuis; Tapajós e Xingu, águas verdes; Negro, Andirá, águas pretas. Os poemas perpassam geograficamente por Tabatinga, descem o rio Solimões e chegam a Tefé, a Reserva Mamirauá, descem mais um pouco e desembocam em Coari, na região de Urucum. Segue a trilha das águas e passam por Codajás, volta um pouco e faz uma parada no Alto Juruá e no Madeira para falar da extração da borracha. O curso das águas segue firme e passa por Manaus onde os poemas são projetados na orla e na expansão urbana que a capital amazonense sofre nos anos de 1970. E no som das águas correntes eles deságuam no baixo Amazonas, tendo Barreirinha como concentração da maioria dos poemas, mas não deixa de citar Maués e suas tribos indígenas; Parintins e sua ilha encantada, Rio Preto da Eva e suas águas negras. Ainda cita em sua jornada aquática Amaturá, Boa Vista dos Ramos, entre outras cidades. Na última parte o poeta relata sua viagem ao baixo Amazonas, saindo de Manaus, do Educandos, bairro pobre da cidade, passando pelo encontro das águas e seguindo passando várias comunidades. Esta viagem é uma narrativa de sua visita aos barrancos e comunidades deste imenso rio, Amazonas.
O encontro das águas	A obra é ambientada numa comunidade ribeirinha do município de Itacoatiara, porém ela permeia por vários ambientes; passa por Manaus onde a personagem principal irá morar com uma família de militares, e lá irá iniciar seus estudos secundários. Também se passam algumas cenas em São Paulo quando Moara se muda para lá com a família que ela morava em Manaus, é o local em que irá iniciar seu curso universitário, pedagogia; há cenas relâmpagos no Rio de Janeiro e na França, locais por onde passa a família de franceses que irá conhecer a comunidade ribeirinha onde reside a família de Moara.

	Porém a trama tem seu desfecho na volta de Moara ao Amazonas, o rio era um símbolo, é por ele que a vida do povo passa, é por ele que a vida tem sentido. É na comunidade ribeirinha que ela começa e termina.
Coronel de Barranco	A trama é ambientada no eixo Manaus-Acre; sendo tem início no seringal Tristeza, localizado no baixo Amazonas. Manaus é o ambiente para onde o personagem-narrador caminha em busca de novas oportunidades. Ele passa um tempo na Europa, circulando entre Londres, Kew e Paris; lá ele tem seu aprendizado aprofundado. Retorna ao Brasil, a Manaus e decide ir trabalhar no seringal “Fé-em-Deus”, que fica na fronteira do Acre com a Bolívia. É nesse lugar que a trama se passa sua maior parte. É também onde se desenrola as questões mais latentes relacionadas à extração da borracha.

Fonte: Arquivos da pesquisa, 2021.

Os espaços geográficos identificados nas obras acima nos trouxeram uma visão por onde os enredos circulam; e como essas tramas se integram ao ambiente e seus personagens, sendo que alguns espaços exercessem verdadeira função de personagens, é o caso, da várzea, nos poemas de Aníbal Beça, onde a várzea surge como uma personagem. Assim, situar um fenômeno literário em seu espaço específico, é uma parte desafiadora de todo o empreendimento dissertativo, visto que, olhamos para o mapa e pensamos; olhamos para uma configuração específica – os rios que cortam o Estado do Amazonas, as várzeas dos municípios do interior da Amazônia; aqueles homens e aquelas mulheres que vivem em margens opostas do Rio Negro – olhamos todos esses padrões e tentamos compreender como é que tudo isso pode nos ajudar no Ensino das Ciências Ambientais, a partir da obra literária amazonense.

Um outro aspecto observado nos espaços geográficos das obras analisadas é a transformação que eles apresentam ao longo dos anos; exemplo, **Dois irmãos**, de Milton Hatoum, nos apresenta uma Manaus do início do século XX até a década de 1970 daquele século. Muitas vezes apresenta as transformações históricas dos lugares por onde as tramas circulam, é o caso de **Comandante Lourenço** e o **Encontro das Águas**, ambas de Sylvia Aranha, trazem as mudanças históricas de Itacoatiara de Vila de Serpa para atual nome.

E em **Amazonas, pátria da água**, de Thiago de Mello, vemos uma Manaus em profunda transformação que leva o poeta ao saudosismo do tempo áureo da Paris dos Trópicos, visto que com o início do processo de industrialização da cidade o meio ambiente foi fortemente prejudicado, isto é, a devastação da floresta e a expansão urbana fazem com que o espaço ambiental seja cada vez mais degradado.

A seguir as análises ambientais de duas das seis obras estudadas. Para melhor compreensão, foi feito primeiro uma sinopse de cada texto e depois se verificou os aspectos ambientais presentes em cada livro, a partir de um protocolo pré-estabelecido, e foi feito um mapa mental para cada texto literário analisado.

DOIS IRMÃOS

A conturbada trajetória dos gêmeos Yaqub e Omar, na Amazônia, ao longo de 50 anos, dá enfoque para os primeiros anos do regime militar na região. Publicado pela primeira vez em 2000, **Dois Irmãos**, de Milton Hatoum, é narrado em primeira pessoa por Nael, filho de

Domingas, empregada e índia. Ele tenta descobrir quem dos gêmeos é seu pai, buscando sua própria identidade ao investigar suas raízes. Milton Hatoum escreve uma história que leva o leitor a Manaus dos anos 70 e faz uma viagem pelas paisagens amazônicas.

A trama carrega consigo as mudanças que Manaus sofreu ao longo dos tempos, desde as primeiras décadas do século XX até os anos 70 daquele século. Além disso, o romance mostra uma Amazônia exuberante com suas águas norteando a vida do homem manauara, especialmente dos que viviam às margens do Rio Negro em Manaus ou na região portuária da cidade, como é o caso da família dos gêmeos.

Os filhos do casal Zana e Halim, ambos de origem libanesa. Nascidos em Manaus, os dois foram criados sob a superproteção da mãe, que sempre teve uma predileção clara pelo caçula Omar. Ainda na adolescência, começa a história de rancor entre os irmãos. A disputa por Livia, a sobrinha alourada dos Reinoso, vizinhos da elite manauara, começa em uma noite de cinema na casa de Estelita, a tia da garota. Enciumado com a aproximação de Yaqub e Livia, Omar revela seu caráter explosivo e fere com uma garrafa estilhaçada o rosto do irmão.

Apostando na distância para amenizar o ódio e apagar da memória o incidente, Halim e Zana decidem mandar Yaqub para uma temporada no sul do Líbano. Omar, a pedido da mãe, é o que fica perto da família, sendo tratado por cinco anos como filho único.

A experiência imposta em uma cultura totalmente distinta devolve ao Brasil, anos depois, um jovem Yaqub introspectivo e um tanto bruto nos modos, mas sem dúvida mais maduro que o irmão Omar, que crescia na idade, mas não nas responsabilidades.

A família de comerciantes tinha em Manaus uma posição privilegiada, principalmente quando comparada à maioria da população local. Omar se aproveitou disso a vida toda e nunca se dedicou por muito tempo nem à escola, nem a uma profissão. Yaqub, por outro lado, já não se ajustava àquela realidade. A relação conturbada com o irmão o repelia de sua terra natal e do convívio familiar. Mais que isso, Manaus, uma terra esquecida em um país que galopava em seus planos de desenvolvimento, já não comportava suas ambições.

Yaqub anuncia então sua partida para São Paulo, sem aceitar a mínima ajuda dos pais. Ingressa na Escola Politécnica e dá início a uma bem-sucedida carreira. Passa a visitar cada vez menos sua família. Quando esses raros encontros acontecem, não leva a esposa e faz de tudo para esconder detalhes de sua nova vida. Toda vez que ele chega, Zana se enche de um orgulho forçado pelo remorso de ter contribuído muito para esse distanciamento. Mesmo assim, nunca deixa de acobertar o caráter frágil de Omar, que ainda vivia das vantagens desse cuidado doentio que a mãe lhe destinava.

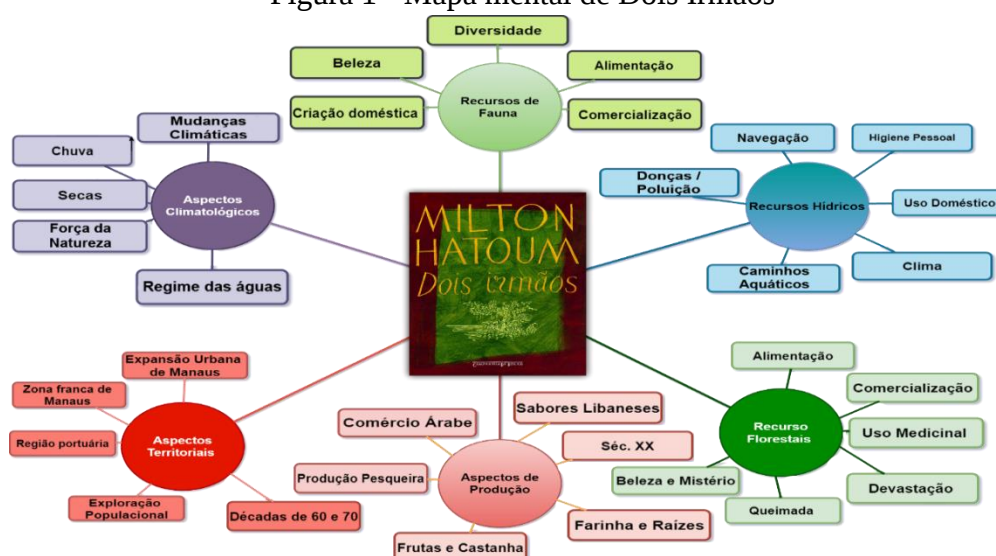
A narrativa de Hatoum começa pelo final. No primeiro capítulo, ouvimos os lamentos de uma Zana atormentada por se sentir culpada pela decadência moral e financeira da família. A partir de então, são reconstruídos todos os antecedentes desse desfecho, pela voz de Nael, um narrador que vive o dilema de ser observador e personagem dessa história.

Nael é filho de Domingas, mulher que personifica todas as contradições dos limites tênues que separam as posições de empregado, família e escravo, em um contexto herdado do colonialismo. Os patrões viam em Domingas a índia que resgataram do costume pagão e trataram como família. Embora família, nesse caso, significasse morar “nos fundos da casa” e trabalhar como empregada. O discurso de laços familiares fica ainda mais absurdo quando Domingas é abusada por um dos gêmeos e engravida. A jovem então percebe que não tinha o direito de ser “tão família” assim.

Nael herda o mesmo destino da mãe – viver sem saber ao certo qual a sua origem e qual o seu papel. Todos da família conheciam os laços sanguíneos que o uniam ao garoto, mas isso não impediu que ele fosse criado como uma criança sem pai, fruto de algum descaminho da pecadora Domingas. O avô, Halim, é o único que se preocupava um pouco mais com Nael. Embora nunca tenha tido a força de assumir o parentesco, ele nutria um carinho pelo menino e

passava horas contando-lhe histórias. São essas anedotas que dão forma à narrativa, conduzida pela voz de Nael. A trajetória de abusos, vinganças e declínio da família de Halim pode ser encarada como uma metáfora do ciclo de perdas que o nosso país enfrenta desde a sua origem. Colonizar é obrigar um povo a viver marginalizado, como bastardo, em sua própria terra.

Figura 1 - Mapa mental de Dois Irmãos



Fonte: Organizado por Braga e Marques (2021).

O mapa acima sintetiza todas as questões ambientais encontradas neste romance, e abre caminhos para novas interpretações a partir das questões que o autor expõe em sua narrativa. Foi um dos textos mais interessantes de se analisar.

Recursos Hídricos

Esse recurso é apresentado na obra de forma abundante, a água é uma grande personagem neste romance, pois ela está presente ao decorrer das ações, nos rios, quando o pai sai em busca do filho que desaparecera e insistia morar em uma embarcação; seja presente em inúmeros igarapés que cortam Manaus; seja no bairro Educandos, também conhecido como cidade flutuante, onde os menos afortunados residem.

Ela é uma presença constante nas ações mais impactantes dos personagens principais, especialmente em forma de chuva, isso ocorre quando os irmãos, Yaqub e Omar brigam, ou na morte de um personagem, como Laval.

Água está presente no regime climatológico da região, isto é, na subida e descida das águas, que regulamentam as estações do ano na Amazônia. Esse recurso está descrito sempre no decorrer da obra. Ela é usada nos serviços domésticos, na higiene pessoal; para saciar a sede dos animais, mas principalmente para a navegação.

Recursos florestais

Esse recurso se apresenta principalmente nas lembranças de Halim, de quando chegou à Amazônia, sua admiração pela beleza da floresta e a imensidão verde que a cobria, como é o caso do arquipélago de Anavilhanas.

Também é representado pela velha seringueira, árvore já quase morta que existia nos fundos da casa de Halim, pai dos gêmeos. Ela era o símbolo da riqueza que o Amazonas já teve um dia, era o local que o núcleo familiar depositava suas amarguras e angústias.

O autor traz em vários momentos a devastação da floresta intacta para a abertura de novos bairros, na Manaus industrial, que surgiam do dia para a noite, para abrigar os nordestinos que vieram para Amazônia em busca da riqueza do látex e com o declínio ficaram “sem eira ou beira”.

Os recursos florestais estão também representados na obra pelas ervas medicinais na sabedoria popular, como copaíba e andiroba, que curam as enfermidades dos povos da floresta.

Esses recursos aqui são usados para a alimentação do dia a dia, para comercialização nas feiras da região portuária, bem como a medicina local e para demonstrar a diversidade da floresta.

Recursos de fauna

Assim como os recursos florestais, os de fauna são presentes ao longo da obra. A diversidade de peixes, mamíferos, aves entre outros animais são mencionados largamente no decorrer das ações. Como a maior da trama se passa na região portuária de Manaus, então é comum na fala dos personagens mencionar quão abundante é o Amazonas na sua diversidade de peixes, alguns hoje até proibidos de serem consumidos, caso do peixe-boi.

Os peixes estão no cardápio da família de Halim e de todos aqueles que fazem parte da trama. Os pássaros são mencionados pela beleza de seus cantos e exuberantes plumagens. Há também as formas antropomórficas, isto é, a comparação de humanos com a fauna local, nas expressões: “Sapo Quente”, “cabeça de cobra”, “cachorro largado”.

A fauna amazônica é utilizada na obra para alimentação, comercialização, criação doméstica, também mostrar a diversidade dela no cenário amazônica.

Aspectos climatológicos

Estes aspectos estão descritos ao longo da trama de Hatoum e sobressai a chuva e as mudanças que ela causa na região. O narrador cita em algumas passagens as dificuldades de se navegar durante o período das secas. Ele fala do clima quente e úmido que o Amazonas é refém, mas que ajuda na manutenção da vida neste pedaço de chão.

As praias da região portuária de Manaus são destaques, quando Yaqub rememora sua infância e primeiros anos de adolescência junto do irmão gêmeo. Elas também aparecem nas

viagens feitas ao longo dos rios e igarapés da região. As praias de rios são uma grande atração na época do verão amazônico e isso tem impactos na geografia amazônica.

Aspectos territoriais

Apesar de não explicitar nenhum conflito territorial ao longo do romance, entretanto, o autor narra a expansão do perímetro urbano de Manaus, especialmente a partir da década de 60 e 70, com a instalação da Zona Franca de Manaus e, conseqüentemente a vinda de várias indústrias para a cidade, o que fez ter uma explosão demográfica, surgindo novos bairros, muitos ao redor do polo industrial. Além disso, a trama busca mostrar as mudanças de Manaus ao longo dos anos, seja a região portuária, seja os novos bairros mais distantes do centro que surgem para abrigar tanto nordestinos como outras pessoas que veem a Manaus à procura de uma vida economicamente melhor.

Aspectos de Produção

Hatoum dá destaque à influência dos comerciantes árabes na economia local, especialmente no início do século XX como eles vieram para a região e vendiam de tudo, alguns fazendo fortunas, outros nem tanto, porém sempre movimentando a economia manauara.

Ele também narra nas entrelinhas a decadência da borracha na região amazônica, mas mostra outros meios de produção que Manaus começa a ter: a indústria, a produção pesqueira, visto que no porto da cidade se comercializa de tudo, mas seu comércio forte é o pescado, assim chega peixe dos vários lagos, rios, igarapés que cortam não só Manaus, mas Iranduba, Careiro entre outros.

Outra produção que tem destaque na obra são as frutas, castanhas, farinhas e seus derivados; mencionando seus sabores e gostos que encantavam os árabes, mas que eles não perdiam suas raízes também, pois eles importavam para Manaus sabores e gostos da culinária libanesa.

COMANDANTE LOURENÇO

Narrado em primeira pessoa, o romance de Sylvia Aranha apresenta um personagem simpático, simples e humilde (Lourenço), que ao decorrer da leitura nos identificamos com ele e já passamos a tê-lo como se fosse alguém da família.

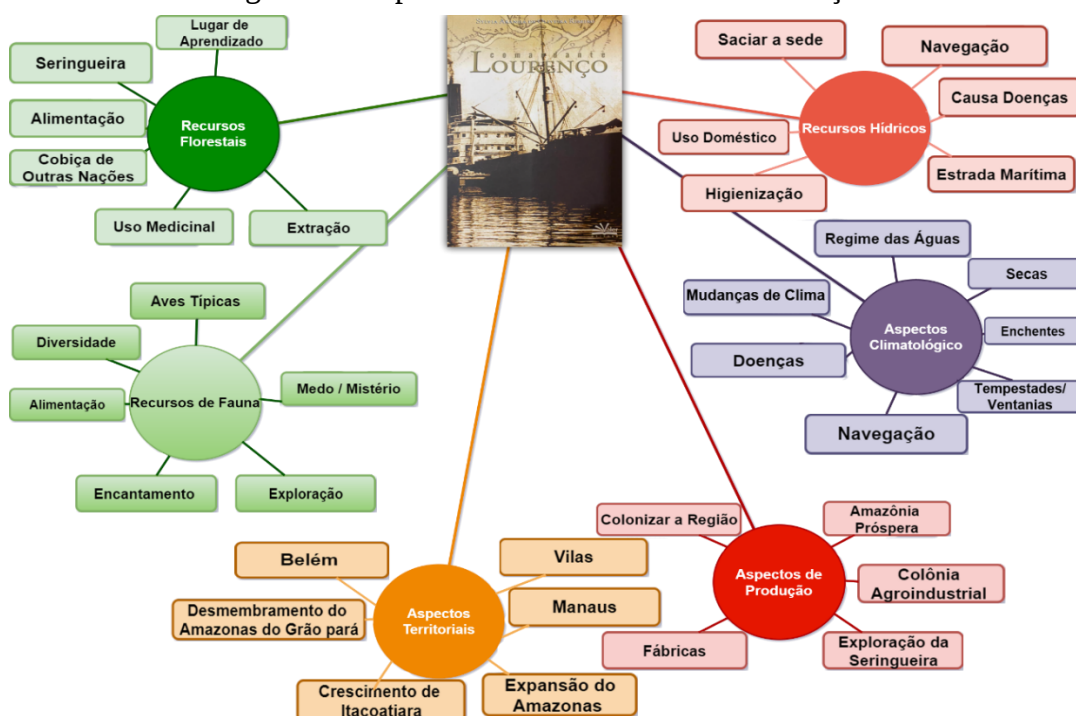
Sylvia Aranha constrói uma história de humanidade, em que o personagem que protagoniza a obra se destaca pela sua força e determinação no enfrentamento dos desafios que a vida lhe impõe. A narrativa tem como cenário o universo amazônico, os rios, a floresta e seus habitantes.

A história de Lourenço é uma cruzada pelas águas do Oceano Atlântico e pelos rios amazônicos, especialmente o Amazonas e o Negro. Ambientada no século XIX, a trama nos traz informações da Manaus e da Itacoatiara (Vila de Serpa) daquele período da história regional. Muito, além disso, nos remete para as paisagens, vidas e modos dos povos da floresta, além das doenças que eles padeciam.

A narração na Amazônia só tem início no romance a partir do capítulo 23 que é quando Lourenço chega à região vindo do Rio de Janeiro, capital do império. É uma narrativa

apaixonante, humana e que nos conta muito de um passado não muito distante. As questões ambientais que Aranha traz são colocadas de forma exótica, já que o personagem fica irradiado e admirado com tanta beleza natural que encontra aqui. Ele enfrenta as doenças tropicais da região, especialmente a febre amarela.

Figura 2 - Mapa mental de Comandante Lourenço



Fonte: Organizado por Braga e Marques (2021).

Recursos Hídricos

A água nesse romance, de Sylvia Aranha, é um elemento fundamental, visto que a história de Lourenço se desenrola pela navegação sobre o oceano Atlântico e os rios amazônicos; o recurso hídrico aparece também nas chuvas constantes da região, que ora ocorrem de forma mais intensa, ora pela ausência dela em alguns momentos da narrativa, de modo particular quando chega ao período do verão amazônico, onde a descida dos rios dificulta a navegação. Ela é mais parceira que inimiga, é preciso conviver com o regime dela na região.

Ela é também causa de doenças para a população, já que os surtos de cólera que os ribeirinhos sofrem têm relação direta com a água contaminada pelos detritos fecais e pelas febres endêmicas que ocorrem no tempo das cheias e vazantes dos rios.

A água é um símbolo de mudança e resignação na história, é o “asfalto” da estrada marítima que o personagem percorre. Além de servir como estradas, a água aqui é usada nas

atividades domésticas, na higienização das pessoas, para saciar a sede dos animais; é uma metáfora da transformação da vida do personagem, que ao vir para o Amazonas, tem sua vida modificada, e a água é uma simbologia dessa mutação.

Recursos florestais

A narrativa de Aranha se destina a descrever a floresta como um lugar de aprendizado, onde seus recursos são infinitos para curar as doenças, mas podem também trazer grandes angústias, visto que ela é uma caixa de surpresas. A floresta é linda, porém carregada de mistérios.

A seringueira é o recurso florestal mais explorado, pois o seu leite é sinal de progresso para o Amazonas; esta árvore estava no início da sua exploração na região, e já despertava a cobiça de outras nações; outras árvores de valor medicinal ainda não chamava tanta atenção, porque estavam apenas disseminadas na sabedoria popular cabocla; a medicina convencional não a reconhecia.

As árvores frutíferas e as variedades de frutas são outros recursos que a floresta guarda, e elas ajudavam na alimentação regional dos povos que habitavam essa região do Brasil. São várias frutas que a autora menciona no decorrer da narrativa, sabores diferentes e gostos que ainda seriam descobertos pelos que viriam no futuro residir neste pedaço do solo brasileiro.

Recursos de fauna

A fauna amazônica é representada na obra de Aranha pelas aves típicas da região, o canto que elas emitem, suas plumagens e beleza se destacam entre os outros animais; também o narrador fala da diversidade de peixes, mamíferos e répteis que a planície amazônica tem, sendo o peixe o alimento principal dos ribeirinhos.

O peixe-boi ganha destaque na culinária regional com a mexira e a manteiga extraída de sua gordura. A diversidade de mamíferos é mencionada ao longo do enredo, mas não de forma linear, e sim esporadicamente quando ocorre algum evento que possa os envolver.

Outros animais silvestres também são utilizados para alimentação dos ribeirinhos, entre eles: queixada, veado, tartarugas, jabutis e outros tipos de animais. Eles são a base da alimentação, da economia local e fazem parte do convívio dos povos das florestas, visto que os animais silvestres circulam nos lugares que os humanos vivem.

Aspectos climatológicos

O clima na região é amplamente descrito na obra, devido às condições de navegação impostas pelo regime das águas; Lourenço narra as dificuldades de se navegar em meio a temporais que do nada surgem e deixam os rios mais ferozes. O ciclo das águas é também um imperativo na propagação de doenças, tais como: febres selvagens, cólera, diarreias que levam à morte; porém, são nesses períodos de cheias e vazantes que se enxerga a beleza da grande floresta intacta; suas praias, lagos, igarapés, rios; é nele que os exóticos pássaros e animais terrestres e aquáticos se exibem.

Aspectos territoriais

A questão territorial não é muito evidente neste romance de Aranha; por se tratar de uma trama de época em que o foco é a história de um rapaz que se torna comandante de um vapor que navegava pelas águas da Amazônia. O romance não procura estabelecer um elo territorial seja de conflitos por terras, seja de expansão de território, visto que a ambientação do romance no século XIX, onde o Amazonas é uma recente província desmembrada da província do Grão-Pará.

A história mostra também a transformação de Manaus, de Vila de São José da Barra do Rio Negro a capital da província do Amazonas. Essa transformação faz dela a cidade mais próspera da região amazônica. O que se pode notar em relação à questão territorial é o crescimento de Itacoatiara como vila, em que o centro dos acontecimentos da narração estava atrelado à Vila de Serpa.

Aspectos de Produção

A produção amazonense em meados do século XIX ainda era baseada na extração do látex, isto é, na exploração da seringueira que como o narrador diz estava iniciando sua base econômica, porém bastante promissora, especialmente, no alto Purus e Juruá, lugares em que a seringueira era bem explorada.

Além disso, tinha a mexira de peixe-boi, que era bastante apreciada em Belém, a exportação do tabaco, da piaçava e redes de maqueira. O narrador cita um empreendimento do Barão de Mauá na região amazônica, Colônia Agroindustrial que ficava em Itacoatiara, era um plano do Governo Imperial para colonizar a região.

Esse empreendimento era composto de uma serraria e uma olaria movidas a vapor; fábrica de aguardente entre outros produtos que começava a ser industrializado em Belém, depois em Manaus, capital da nova província, e nas cidades mais prósperas da Amazônia, entre elas Itacoatiara. Essa Colônia Agroindustrial foi a precursora da industrialização no Amazonas, o que fez de Manaus mais de um século depois o centro industrial da região norte do Brasil.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho procurou demonstrar que a leitura de uma obra literária pelo viés da cartografia torna visíveis as articulações descritas na narrativa e funciona como dispositivos de raciocínio que acompanham os textos. E pelo olhar do ensino das ciências ambientais leva o leitor a decifrar os vários olhares que o autor deixou em sua obra. Assim, da mesma forma que leitores apaixonados passam horas percorrendo as páginas da narrativa e imaginando as paisagens descritas, também é possível se debruçar sobre as facetas do mundo imaginário do autor.

O caminho teórico e prático relacionado a este tema ainda é um pouco longo, mas a proposição de pensar a literatura na linguagem cartográfica relacionando-a ao ensino das ciências ambientais ainda é novo, porém abre caminhos para trabalhar os mapas em outras perspectivas que não apenas aquelas colocadas nos livros de geografia.

Observamos que, em se tratando de literatura, cada criador mostra sua visão de mundo daquilo que o rodeia. Dessa forma, nação, povo, cultura, sociedade, economia, política, meio

ambiente e tudo mais que atinge a condição humana pode ser analisado pela literatura. Assim, todas as nações em todas as formas estão na literatura, uma vez que o mundo de cada um é feito de uma fusão do externo com o interno, e isso se reflete na arte literária.

Esperamos que este estudo contribua com todos que se interessam pelas questões do meio ambiente numa atitude de respeito à natureza e na busca de cidadania bem como os que queiram se aprofundar no estudo da cartografia literária ou na revelação de obras dos autores em questão.

Este trabalho de cunho cartográfico, pode valorizar a Cartografia enquanto linguagem literária ao mostrar que ambos são importantes meio de comunicação, inclusive para apresentar histórias e traduzir o pensamento do escritor.

REFERÊNCIAS

ABDALA JÚNIOR, Benjamin. **O Romance Social Brasileiro**. São Paulo: Scipione, 1993.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BOGÉA, José Arthur. **O mura e a musa**. (Ensaio) Belém: Universidade Federal do Pará, 2003.

CAMPOS, Manuel do Carmo da Silva; BARBOSA, Ierecê; RODRIGUES, Michele Amorim; MEDEIROS, Tânia M. Cortez. **Ecologia Humana, natureza e meio ambiente nos povos da Amazônia**. UEA/ Editora /BK Editora. Manaus, 2007.

CAQUARD, Sébastien; CARTWRIGHT, William. Narrative cartography: From mapping stories to the narrative of maps and mapping. **The Cartographic Journal**, v. 51, n. 2, p. 101-106, 2014.

FARES. Josebel Akel et al. **Texto e pretexto**: experiência de educação contextualizada a partir da literatura feita por autores amazônicos. Belém: Cultural CEJUP, 1992.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

HELPERICH, Gerard. **O Cosmos de Humboldt**. 1ª Edição. São Paulo: Objetiva, 2005.

MENEGHETTI, Ítalo. Literatura Cidadã. **Revista Conhecimento Prático de Literatura**, nº 31, agosto/2010, p. 25.

MONTEIRO, Mário Ypiranga. **Fases da literatura amazonense**. Manaus: Imprensa Oficial, 1977.

SOUZA, Afonso Araújo de. **Síntese de uma literatura cabocla amazonense**. Manaus: Grafima, 1995.

TELLES, Tenório. **Clube da Madrugada**: presença modernista no Amazonas. 2ª ed. Manaus: Editora Valer, 2019.

TUFIC, Jorge. **Existe uma literatura amazonense?** Manaus: UBE-União Brasileira de Escritores, v. VII, 1982.